

Diálogos entre a Ludicidade e a Decolonialidade

Dialogues between Playfulness and Decoloniality

Lyandra Lareza da Silva Matos ¹
Universidade do Estado do Pará

Shirley Silva do Nascimento ²
Instituto Federal do Pará

Tânia Regina Lobato dos Santos ³
Universidade do Estado do Pará

RESUMO

Este artigo se constitui com base na revisitação do ensaio teórico “Giro Lúdico: construindo uma decolonização do saber/ser”, corporificado a partir da ressignificação da ludicidade como perspectiva heterogênea anunciada para potencializar a resistência contra os processos da colonialidade. A elaboração textual também orienta-se nas reflexões oriundas dos encontros formativos do grupo de pesquisa “Saberes, Educação, Interculturalidade e Variações Temáticas na Amazônia”, sobretudo, na linha “Ludicidade, Práticas Corporais e Educação”, vinculada ao Instituto Federal de Educação do Pará. Concomitantemente, inspirado nas vivências no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará. O objetivo apóia-se em compreender a interface entre a ludicidade e a decolonialidade, no sentido de enfatizar a virada epistemológica, buscando visibilizar conhecimentos *outros* inferiorizados pela ciência moderna. Trata-se de uma pesquisa substancialmente qualitativa, cujos referenciais mais representativos são: Cipriano Luckesi (2002), Mônica Massa (2021), Nelson Maldonado-Torres (2007) e Walter Mignolo (2004). Como resultado, comprova-se que a ludicidade se apresenta como um processo subjetivo - intimamente relacionada às experiências socioculturais de cada ser - os significados atribuídos são compartilhados coletivamente, assumindo diversas formas e interpretações conforme cada contexto, bem como o seu alcance político-pedagógico diante dos mecanismos da modernidade/colonialidade presentes nas instituições educativas.

Palavras-chave: Ludicidade; Decolonialidade; Educação.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED-UEPA). Bolsista CAPES pelo Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG- Amazônia Legal), Belém, Pará, Brasil. Tv. Djalma Dutra, s/n , Bairro Telégrafo, Belém, Pará, Brasil, CEP: 66050-540. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0852-5579> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3661018191743817> .E-mail: lyandramatos.uepa@gmail.com

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED-UEPA. Professora efetiva de Educação Física no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPA/Castanhal), Castanhal, Pará, Brasil. BR 316, Km 61 - Saudade II - Cristo Redentor, Castanhal - PA, 68740-970. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0753-2128> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0000000000000000> .E-mail: nascimento.ss@yahoo.com.br

³ Pós-Doutora Pontifícia Universidade Católica (PUC-RIO). Professora Titular da Universidade do Estado do Pará (UEPA) do Curso de Pedagogia e do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação (PPGED-UEPA), Belém, Pará, Brasil. Tv. Djalma Dutra, s/n , Bairro Telégrafo, Belém, Pará, Brasil, CEP: 66050-540. ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0002-8997-0562> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3661018191743817> E-mail: tania02lobato@gmail.com

ABSTRACT

This article is based on the revisiting of the theoretical essay "Giro Lúdico: construindo uma decolonização do saber/ser", embodied from the re-signification of playfulness as a heterogeneous perspective announced to potentiate resistance against the processes of coloniality. The textual elaboration is also guided by the reflections arising from the formative meetings of the research group "Knowledge, Education, Interculturalism and Thematic Variations in the Amazon", especially in the line "Playfulness, Body Practices and Education", linked to the Federal Institute of Education of Pará. At the same time, it is inspired by experiences in the Degree in Pedagogy course at the Pará State University. The objective is based on understanding the interface between playfulness and decolonality, in the sense of emphasizing the epistemological turn, seeking to make visible other knowledge inferior to modern science. This is a substantially qualitative research, whose most representative references are: Cipriano Luckesi (2002), Monica Massa (2021), Nelson Maldonado-Torres (2007) and Walter Mignolo (2004). As a result, it is proven that playfulness presents itself as a subjective process - closely related to the sociocultural experiences of each being - the meanings attributed are shared collectively, assuming various forms and interpretations according to each context, as well as its political-pedagogical scope before the mechanisms of modernity/coloniality present in educational institutions.

Keywords: Playfulness; Decoloniality; Education.

CONTEXTUALIZAÇÃO INTRODUTÓRIA

Este estudo apresenta algumas provocações acerca de compreensões sobre a ludicidade, visto que comumente são constatadas abordagens genéricas relacionadas a eixos mais centrais em diferentes campos de conhecimento acadêmico, precipuamente como base terapêutica e concernente ao desenvolvimento infantil.

Elucida-se não haver a intenção de deslegitimar as contribuições acadêmicas produzidas, mas problematizar algumas delimitações no âmbito teórico, propondo ideias para o alcance no processo de formação humana ou mesmo como possibilidade de enfrentamento a partir de outras perspectivas.

Assim, a escrita anuncia a ludicidade de maneira crítica, buscando construir diálogos contra hegemônicos - ênfase nas discussões sobre as manifestações lúdicas e sua proeminência, desconstruindo o papel secundário atribuído historicamente pelas ciências hegemônicas.

A proposição orienta-se em reflexões oriundas dos encontros formativos realizados no grupo de pesquisa "Saberes, Educação, Interculturalidade e Variações Temáticas na Amazônia (SEIVA)", sobretudo, na linha "Ludicidade, Práticas Corporais e Educação", vinculada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará/Campus Castanhal. Concomitantemente, inspirada nas vivências no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará.

Para essa elaboração textual, houve a necessidade de revisitar o ensaio teórico intitulado “Giro Lúdico: construindo uma decolonização do saber/ser”, corporificado a partir da sugestão de ressignificar a ludicidade como perspectiva heterogênea para potencializar a resistência contra as heranças coloniais.

O objetivo deste artigo apóia-se em compreender a interface entre a ludicidade e a decolonialidade, no sentido de evidenciar a virada epistemológica, para visibilizar conhecimentos *outros* inferiorizados pelo projeto moderno.

Trata-se de uma pesquisa substancialmente qualitativa, cujos referenciais mais expressivos são: Cipriano Luckesi (2002), Mônica Massa (2021), Nelson Maldonado-Torres (2007) e Walter Mignolo (2004).

O texto está estruturado em quatro itens: No primeiro são apresentadas as reflexões iniciais acerca do assunto, as motivações, bem como os traços metodológicos; No seguinte item, pontua-se o objeto de estudo alinhado à sua compreensão epistemológica, política e sociocultural. No terceiro são retratadas as práticas lúdicas no processo de formação docente e, no último item apontam-se os resultados e elementos gerais.

DECOLONIZAR A LUDICIDADE: APROXIMAÇÕES INTERPRETATIVAS

A busca por novos ensaios epistemológicos apoiados nas aproximações entre ludicidade e decolonialidade pode inicialmente suscitar estranhamentos, principalmente pela própria dinâmica de propor uma escrita considerando a ludicidade para além dos estereótipos acadêmicos convencionais.

A organização das ideias elencadas nesse texto demanda de uma preliminar discussão acerca de alguns marcos históricos. Dessa forma traz-se para o debate o ano de 1492 – período marcado pela invasão das terras Abya Yala e da gênese do dispositivo colonialidade/modernidade.

A compreensão sobre colonialidade está fundamentada nos pressupostos teóricos de Anibal Quijano, configurada como o resultado do colonialismo moderno, sendo a categoria *raça* implementada para evidenciar a inferiorização e marginalização das “sub-humanidades”, as quais não atendem ao padrão definido pelo sistema-mundo-moderno.

Cabe ainda o entendimento da colonização nos seus diferentes prismas e, para esta análise destaca-se, inicialmente, uma de suas faces: a colonialidade do ser. Nelson Maldonato (2007) ao construir esse conceito, problematiza os seus efeitos nas experiências

vividas – pensamento marcado pelo controle das subjetividades. Contudo também vale ponderar o enfoque do saber e do poder como dimensões indissociáveis.

Para Walter Mignolo (2004) o domínio do ser e do saber relaciona-se às formas de percepção da realidade, ou seja, a produção do conhecimento se alinha aos padrões estéticos e modos de sentir conforme as intenções coloniais resultantes da lógica de poder dominante.

A racionalidade historicamente imposta provoca significativas interferências na constituição do sujeito em seu processo formativo. Nesse sentido, afetos, prazeres, emoções são concebidos como práticas subversivas, contrárias ao proposto pela colonialidade.

O projeto moderno/colonial atesta a validade social de um conhecimento fundamentalmente balizado pelo viés científico, cuja lógica preconiza hierarquia entre saberes, os quais são catalogados a partir das referências ocidentalizantes. Esta compreensão “está localizada numa geopolítica do conhecimento imperial epistêmico [...]” (MIGNOLO, 2004, p. 699).

Esta reflexão converge para a compreensão sobre a *colonialidade do saber* de Edgar Landier, expressada através da categoria *racismo epistêmico* – negação das faculdades cognitivas dos sujeitos racializados, não admitindo nenhuma outra epistemologia como espaço de produção.

El privilegio del conocimiento en la modernidad y la negación de facultades cognitivas en los sujetos racializados ofrecen la base para la negación ontológica. En el contexto de un paradigma que privilegia el conocimiento, la descalificación epistémica se convierte en un instrumento privilegiado de la negación ontológica o de la sub-alterización (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 145).

Para a análise sobre os processos colonialistas presentes na ludicidade, apresenta-se a crítica benjaminiana no tocante à racionalidade da sociedade de consumo, evidenciando os brinquedos, brincadeiras, o lúdico e a infância mergulhados no arcabouço mercadológico (BENJAMIN, 2009).

Ainda é possível considerar outros desdobramentos oriundos dos instrumentos de manejo colonial: a comercialização das ludicidades. O Capital através de um sistema de sedução tenta condicionar as ludicidades como artefato de consumo,

simultaneamente, anulando os brinquedos e brincades que não estão em sua “vitrine”; negando as criatividades existentes construídas em diferentes contextos.

Segundo Mignolo (2004) ao passo que a modernidade/colonialidade se reproduz, paralelamente, surge uma energia de descontentamento caminhando na contramão desse processo: a decolonialidade – perspectiva de enfrentamento teórico-prática consolidada no continente americano desde os anos 2000.

De acordo com Mota Neto (2015) a decolonialidade alude em uma opção política, social, econômica, epistêmica e questionadora radical dos paradigmas clássicos. Apresenta-se ainda como alternativa para superar as mais distintas formas de opressão executadas pela modernidade/colonialidade com o propósito de vigorar suas marcas ideológicas dominantes e excludentes.

A decolonialidade ao provocar fissuras nas estruturas de poder perpetuadas ao longo da história, revela-se como necessária, pois produz caminhos possíveis para outras dimensões sociais como a economia, a cultura, a língua e a educação (MOTA NETO, 2015). Essa ideia converge para ampliar a potencialização da iniciativa de também decolonizar as ludicidades.

A interface entre a ludicidade e a decolonialidade move-se para a realização do giro epistemológico – com assimilação para além das manifestações do brincar. Pensa-se um novo horizonte de interpretação das subjetividades lúdicas como expressões livres; incorporando histórias, identidades e a pluralidade da vida.

Sendo assim, as ações lúdicas estão diretamente relacionadas ao movimento *Suleador*⁴ ao pressupor a espontaneidade do ser humano permeada de emoções e significados culturalmente compartilhados, os quais não necessitam de validação científica para realizar-se.

O decolonizar lúdico deve ser consolidado acolhendo humanos e não humanos sem desconsiderar as teias sociais, cosmogônicas, políticas, religiosas, econômicas, culturais; fomentando sentidos e significados. Principalmente o seu alcance revelador e transformador das realidades.

Embora sabendo que muitas tessituras lúdicas foram enviesadas pelos parâmetros da colonialidade do poder/saber/ser, os percursos decoloniais lúdicos buscam descortinar

⁴ Contraposição a marca ideológica do termo “nortear”, referente ao Norte global considerado “superior”.

a naturalização dos sentimentos, da liberdade, da alegria, do envolvimento voluntário, atribuindo aos sujeitos os direitos sobre a sua ludicidade.

Dessa maneira, importa sinalizar que a caracterização da ludicidade não se restringe ao domínio do brincar comumente debatido, pois nem todas as pessoas incorporam o ato como prática prazerosa.

Ludicidade não é um termo dicionarizado. Vagarosamente, ele está sendo inventado, à medida que vamos tendo uma compreensão mais adequada do seu significado, tanto em conotação (significado), quanto em extensão (o conjunto de experiências que podem ser abrangidas por ele). Usualmente, quando se fala em ludicidade, se compreende, no senso comum cotidiano, que se está fazendo referência às denominadas “atividades lúdicas”, tais como brincadeiras [...] essas atividades, denominadas de lúdicas, poderão ser “não lúdicas” a depender dos sentimentos que se façam presentes em quem delas está participando, numa determinada circunstância (LUCKESI, 2014, p. 13-14).

O sentimento de prazer desejado pode ser vivenciado através de outros meios. Como exemplificação, menciona-se Paulo Freire (1993, p.41) ao avaliar a ação de estudar como atividade deleitante: “um que-fazer exigente em cujo processo se dar uma sucessão de dar prazer, de sensação de vitórias, de derrotas, de dúvidas e de alegria”.

Bem como Cipriano Luckesi, Mônica Massa (2021) traz apontamentos relevantes no tocante à temática. Em seu estudo intitulado “Ludicidade: da Etimologia da Palavra à Complexidade do Conceito”, discorre sobre elementos necessários para novas reflexões, considerando não haver nenhuma palavra que consiga encapsular toda a gama de significados atribuídos à ludicidade.

Para compartilhar novas proposições críticas na tentativa de aproximar com as perspectivas decoloniais, Massa (2021) apresenta uma distinção pertinente entre os termos “sério” e “a sério”. Segundo a autora o “sério” está associado à rigidez, em conformidade às normas estabelecidas e a ausência de interação. Nesse sentido, de fato, “sério” pode ser interpretado como oposto ao lúdico.

Por outro lado, o termo “a sério” representa algo diferente, pois consiste respeitar, incluir, estar inteiro diante de alguma situação. Assim, não faz oposição ao lúdico – reconhecido como estado interno do sujeito, permeado pelo seu envolvimento.

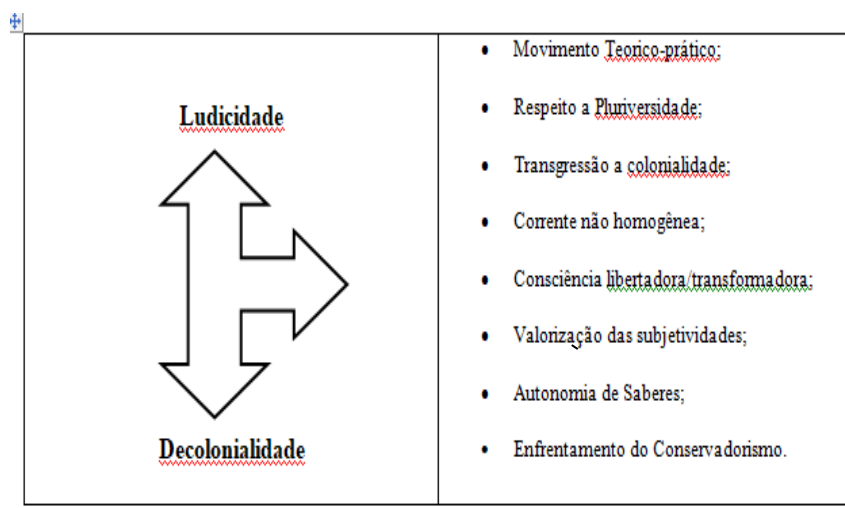
Para consolidar as linhas interpretativas, Luckesi (2002) afirma que ao definir a ludicidade como um estado de consciência – considerando essa experiência em plenitude – não significa desenvolver exclusivamente atividades objetivas, estas podem

ser manifestadas sociologicamente e culturalmente como lúdicas nas suas diferentes realizações, como os jogos ou outras práticas.

A consciência lúdica apresenta-se como qualidade interna, e apesar de transcórrer em compartilhamento com os outros, o realizar-se ludicamente é um processo subjetivo (LUCKESI, 2002). Neste movimento, há uma complexidade dinâmica diretamente concatenada à pluralidade das expressões humanas.

Vários componentes podem aludir a interface entre ludicidades e decolonialidade, ainda que muitos pesquisadores/as não se identifiquem com o assunto. Entretanto, pode-se admitir como mais uma aposta heterogênea alicerçada em concepções éticas, políticas, epistemológicas; assumida e anunciada como resistência contra os processos da colonialidade/modernidade. Como arquétipo expõe-se a síntese da relação entre ludicidade e decolonialidade anteriormente divulgada no estudo “Giro Lúdico: construindo uma decolonização do saber/ser”:

Figura 1- Interface entre Ludicidade e Decolonialidade



Diante da necessidade em ampliar e desvelar as apostas da colonialidade investidas nas ludicidades entende-se a importância em trilhar os caminhos da decolonialidade, visando um exercício reflexivo sobre as possíveis relações epistemológicas, haja vista, que os saberes lúdicos historicamente foram/são sustentados em estereótipos, preconceitos e desvalorização das essências humanas.

PRÁTICAS LÚDICAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE

A complexidade existente nas ludicidades converge na aprendizagem para a vida; fortalecendo o respeito, da ética, o diálogo, a liberdade, a autonomia, a afetividade, a criatividade e ainda as transformações nas relações entre humanos e não humanos.

No tocante ao contexto das instituições de ensino, importa sublinhar que as escolas/universidades possam ser consideradas como espaços para as manifestações lúdicas, visualizando o lúdico no seu sentido epistemológico – inclusive como ciência – igualmente como os demais campos do conhecimento e apresentando diferentes abordagens.

Culminando no retrato sensível das novas tessituras acerca da ludicidade e da decolonialidade como dimensões que se entrecruzam. A seguir um breve relato da vivência de uma das autoras no ano de 2019, enquanto professora horista em duas turmas de licenciatura em pedagogia.

Nas aulas, foram experienciadas as diversas possibilidades lúdicas em consonância com a compreensão ético-política das atividades; oportunizando a problematização sobre a cultura corporal e elementos da práxis no processo de formação docente.

Os discentes participaram comprometidamente no acompanhamento das leituras, debates e execuções práticas, colaboraram no fortalecimento da relação educador-educando e na construção da aprendizagem coletiva, dialógica e crítica – rompendo com o ciclo de poder/saber centralizado.

Vale salientar o desenvolvimento da autonomia dos educandos durante todo o semestre, na forma como pesquisaram, como souberam pensar recursos, como coletivamente trabalharam e, da própria necessidade de brincarem. Certamente mais que a teoria, falaram de suas experiências e de como foi importante socializar e aprender.

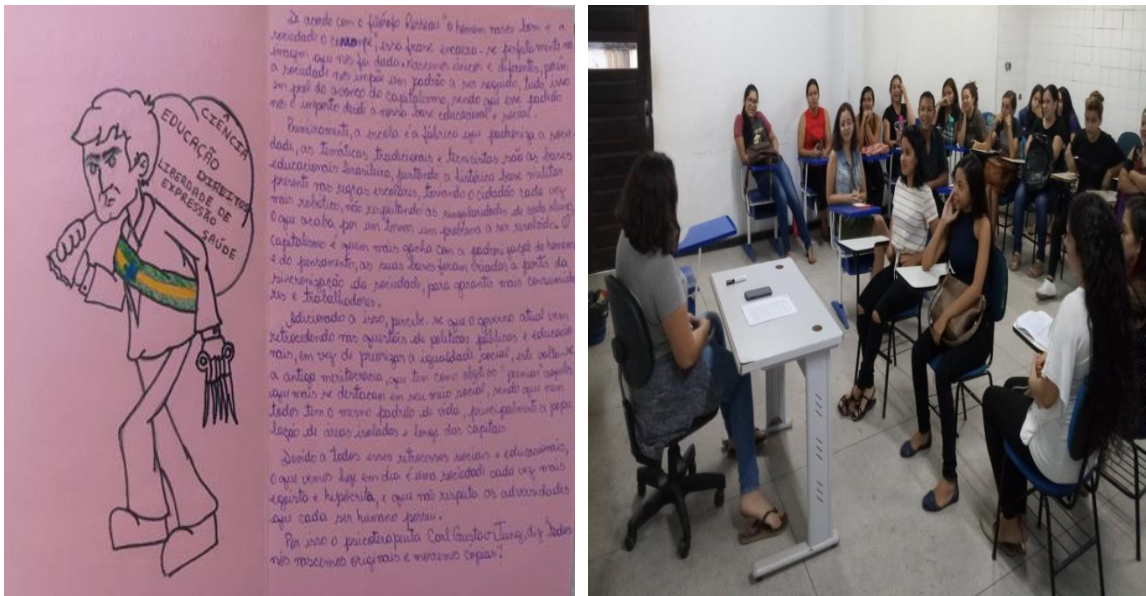
A seguir a exposição de alguns registros fotográficos dos encontros educativos.

Figuras 2- Representação crítica sobre o corpo na contemporaneidade



Fonte: Matos, 2019.

Figuras 3- Elaboração de textos coletivos e apresentação do júri simulado acerca da educação nas perspectivas tradicional e progressista



Fonte: Matos, 2019.

Além das atividades regulares, aconteceu a “I Mostra de Brinquedos, Brincadeiras e Ancestralidades” realizada pelos próprios discentes. Para a preparação deste evento houve uma formação, caracterizada como oficina, sobre o brincar definido por um conjunto de significações produzidas por diferentes culturas.

Figuras 4- I Mostra de Brinquedos, Brincadeiras e Ancestralidades



Fonte: Matos, 2019.

O evento buscou garantir a prática educacional lúdica a partir das perspectivas decolonial e intercultural crítica. A atividade apresentou como objetivo proporcionar ao público a compreensão das ancestralidades indígenas e afro-brasileiras presentes no brincar.

O trabalho proposto durante o semestre no componente curricular “Atividades Físicas, Recreação e Jogos”, indubitavelmente garantiu um grande aprendizado acerca das especificidades do ensino superior, demonstrando os limites e possibilidades presentes nesse contexto. Como dificuldades, aponta-se a insuficiência de espaço no campus de educação para a realização de atividades acadêmicas que demandam outras expressões, como a corporal.

Figuras 5- Discentes participantes do turno vespertino e noturno



Fonte: Matos, 2019.

Avaliam-se os momentos formativos de maneira positiva, pois os objetivos foram alcançados satisfatoriamente. Assim, como o percurso dos saberes nunca é uniforme, arrisca-se dizer que muitos outros conhecimentos foram incorporados subjetivamente e coletivamente.

É importante destacar a função pedagógica atribuída a ludicidade no contexto das instituições de ensino, sendo reconhecida como estratégia metodológica para atender aos interesses do processo de ensino-aprendizagem. Esse entendimento, caso seja interpretado de forma generalista, poderá promover um ciclo homogêneo de

aplicabilidade de atividades “lúdicas”, silenciando as relações vividas e os diferentes significados compartilhados.

Desse modo, ludicidade não se define com palavras ou conceitos estáticos, trata-se de algo em construção permanente, pois se constitui das relações socioculturais. É regida pela significação empreendida pelos seres, criam-se novas práticas e perspectivas sobre o lúdico, sendo ainda expressão político-pedagógica de enfrentamento dos mecanismos coloniais imersos no sistema educacional.

Certamente pode ser doloroso despir-se da racionalização historicamente imposta, porém, um exercício necessário. Apesar da complexidade das questões que permeiam a ludicidade, é imprescindível o movimento de transformação para uma vida lúdica.

Tendo em vistas essas e outras aspirações e inspirações, ousa-se a manifestação dos processos criativos, entre os quais a poesia, que de modo particular se expressa como ativismo engajada na transformação ao provocar reflexões para o exercício de uma formação pluriversal.

A exemplo desse perfil de militância expõe-se a poesia produzida pelas autoras durante a formulação do primeiro estudo intitulado “Giro Lúdico: construindo uma decolonização do saber/ser”, realizado em 2021:

Tessituras Lúdicas Decoloniais

Entre um sorriso e outro, verdades são repassadas.

Ilusões teóricas historicamente socializadas.

Ludicidade de uma só voz tenta ser firmada.

Invisibilizando ontologias marginalizadas.

Tentando camuflar ludicamente, colonialidades presentes.

Criando estruturas para aprisionar discretamente.

Com o discurso de sorrir descomprometidamente.

Pintando das mesmas cores as diversidades existentes.

Temos a responsabilidade de fazer diferente.

Novos giros para decolonizar –se ludicamente.

Compreender as ludicidades com as suas subjetividades.

Romper com os ciclos de invisibilidades.

*Ouvir as vozes silenciadas.
Respeitar as memórias fraturadas.
Nas ludicidades vividas, saberes são construídos.
Identidades são reveladas.*

*Entre um sorriso e outro, experiências são compartilhadas.
Novas tessituras precisam ser criadas.
A pluriversidade sendo valorizada.
Garantindo o direito a toda gente,
de Saber/Ser ludicamente.*

INCONCLUSÕES

As tessituras teóricas deste texto tensionam a provocação sobre a provável interface entre as ludicidades e a decolonialidade, possibilitando um maior entendimento da discussão a partir de novas teias conceituais, inicialmente elaboradas no primeiro estudo intitulado “Giro lúdico: construindo uma decolonização do saber/ser”, publicado em agosto de 2021 no V Colóquio Internacional Diálogos Sul-Sul.

A motivação do artigo também parte das reflexões resultantes dos encontros do grupo de pesquisa “Saberes, Educação, Interculturalidade e Variações Temáticas na Amazônia”, na linha “Ludicidade, Práticas Corporais e Educação”, do Instituto Federal de Educação do Pará. E ainda das vivências no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará.

O artigo buscou trazer algumas possibilidades interpretativas sobre a ludicidade, procurando desconstruir a perspectiva generalista/romantizada. Desse modo, torna-se fundamental o debate sustentado nas bases teóricas decoloniais que caminhem para uma “virada lúdica” de ressignificação, não mais limitada aos cânones da cientificidade moderna.

As ludicidades como manifestações humanas devem ser consideradas como expressões de subjetividades, identidades e realidades, sendo ao mesmo tempo caminhos decoloniais para o processo de formação e transformação.

A “virada lúdica” ou mesmo “giro lúdico” proposto no ensaio inicial, se constitui em mais uma forma plural de produção do conhecimento, em consonâncias com as

manifestações subjetivas e coletivas, as quais perpassam pelas histórias de vida, significados, etnias, crenças, princípios e emoções.

Assim, o percurso reflexivo sobre as possíveis relações entre a ludicidade e a decolonialidade se delineou em uma significativa experiência formativa, na qual exercitou-se a prática da vigilância epistemológica rigorosa, fundamentada no respeito e no compromisso ético com a pluriversidade.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades, 2009.

DUSSEL, Enrique. **1492 O Encobrimento do Outro**: A Origem do Mito da Modernidade. Conferência de Frankfurt; Tradução Jaime A. Clasen. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não**: Cartas a quem ousa ensinar. – São Paulo: Olho d'Água, 1993.

LUCKESI, C. C. **Ludicidade e atividades lúdicas**: uma abordagem a partir da experiência interna. Salvador: GEPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED/UFBA, 2002. (Coletânea Educação e Ludicidade – Ensaíos 02). Disponível em: <https://docplayer.com.br/51232908-Ludicidade-e-atividades-ludicas-uma-abordagem-a-partir-da-experiencia-interna-cipriano-carlos-luckesi-1.html> Acessado em 20 de Outubro de 2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto**. En: Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel (eds.), El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. pp. 127-167. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, 2007. Disponível em: <http://ram-wan.net/restrepo/decolonial/17-maldonado-colonialidad%20del%20ser.pdf> Acesso em: 03 de novembro, 2021.

MASSA, Mônica. **Ludicidade**: da Etimologia da Palavra à Complexidade do Conceito. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/2460/2029> Acessado em: 15 de Outubro de 2021.

MIGNOLO, Walter. **Os esplendores e as misérias da “ciência”**: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004. p. 667-707. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4577896/mod_resource/content/1/MIGNOLO%20-%202004%20-%20Os%20esplendores%20e%20as%20mis%C3%A9rias%20da%20ci%C3%Aancia.pdf. Acesso em: 02 jul. 2021.



MOTA NETO, João Colares da, **Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda** /João Colares da Mota Neto. (Tese de Doutorado). Belém, 2015.

Submetido em: 28 de setembro de 2021.

Aprovado em: 28 de janeiro de 2022.

Publicado em: 10 de agosto de 2022.